

Estados perfeitos em cabo-verdiano¹

Fernanda Pratas

CLUNL-FCSH

Abstract

The contrast between the temporal interpretation of *N sabe risposta* ‘I know the answer’ (present), as opposed to *N kume pexe* ‘I ate fish’ and *N kridita na Nhor Dês* ‘I believed in God’ (past) has previously been accounted for in the following terms: these bare verb forms are marked by a zero operator that adds a termination to atelic and a completion to telic situations; thus, *N sabe risposta* means ‘I got to know’, a culmination, the temporal reading being anchored on its consequent state (Moens & Steedman, 1988), ‘[now] I know.’ The present paper proposes that the zero operator is in fact a Null Perfect marker.

Keywords: Capeverdean, states, temporal interpretation, Null Perfect.

Palavras-chave: Cabo-verdiano, estados, interpretação temporal, Perfeito Nulo.

1. Introdução

A estatividade, como propriedade semântica de alguns predicados base, não dá conta, para o cabo-verdiano, do seguinte contraste quanto às interpretações temporais: *N sabe risposta* ‘Eu sei a resposta’ (presente) e *N kume pexe* ‘Eu comi peixe’ (passado).

Para uma descrição completa deste contraste, temos de começar pelos exemplos que, à primeira vista, parecem atribuir, de facto, um papel crucial à estatividade. Por um lado, temos predicados de tipo estativo – em (1), com verbos de cópula e predicados do tipo *stage-level* (1a) e *individual-level* (1b); em (2), com um verbo pleno –, e por outro lado temos um predicado de tipo eventivo (3). Em (1) e em (2) a forma nua dos verbos tem uma leitura de presente, em (3) a forma nua tem uma leitura de passado.

Textos Selecionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 555-566, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ Agradeço as críticas e sugestões de três revisores anónimos e da audiência do XXVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Todos os erros e incorrecções, no entanto, são da minha inteira responsabilidade. Um agradecimento especial vai para os meus informantes em Santiago, Cabo Verde, e para a Ana Josefa Cardoso e a Helderise Rendall, em Lisboa. A presente investigação integra-se no projecto de I&D ‘Eventos e Subeventos em Caboverdiano’, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LIN/103334/2008).

- (1) a. *N sta duenti.*
 ‘Eu estou doente.’
 b. *El e altu.*
 ‘Ele é alto.’
- (2) *N sabe risposta.*
 ‘Eu sei a resposta.’
- (3) *N kume peixe.*
 ‘Eu comi (o) peixe.’

Centrando-nos na oposição entre os verbos plenos *sabe* e *kume*, ela assume outras formas em frases declarativas simples, marcadas quer pelo morfema pré-verbal *ta* (4), quer pelo pós-verbal *-ba* (5). Ou seja, aqui já não estamos perante formas ‘nuas’; no entanto, as diferentes restrições às leituras temporais resultam do contraste acima descrito.

- (4) a. *N ta sabe risposta.*
 1SG TMA saber resposta²
 ‘Eu vou saber a resposta.’ / * ‘Eu sei a resposta.’
- b. *N ta kume pexe.*
 1SG TMA comer peixe
 ‘Eu vou comer (o) peixe.’ / ‘Eu como (o) peixe.’
- (5) a. *N sabeba risposta.*
 1SG saber:PST resposta
 ‘Eu sabia a resposta.’
- b. *N kumeba peixe.*
 1SG comer:PST peixe
 ‘Eu tinha comido (o) peixe.’ / * ‘Eu comia (o) peixe.’

Apesar deste contraste, aparentemente linear, entre os estativos (‘estar doente’, ‘ser alto’, ‘saber a resposta’) e os eventivos (‘comer (o) peixe’), a verdade é que a maioria dos verbos tradicionalmente descritos como estativos se comporta como os eventivos a este respeito. Em trabalhos anteriores (Silva, 1985; Suzuki, 1994; Baptista, 2002; Pratas 2007; Borik & Pratas 2008; Pratas, 2010; 2011) ficou demonstrado que verbos como *lenbra* ‘lembrar’ e *kridita* ‘acreditar’ exibem sempre um comportamento idêntico ao dos eventivos quanto às combinações com os diferentes morfemas e às restrições sobre a

² Lista de abreviaturas: 1SG/1PL – primeira pessoa do singular/plural; ACC – acusativo; COMP – complementador; COND – condicional; FUT – futuro; HAB – habitual; NEG – negação; PFT – perfeito; POSS – possessivo; PREP – preposição; PRES – presente; PROG – progressivo; PST – passado; TMA – morfema de marcação temporal (usado para *ta*, que tem uma complexa função modal); TOP – tópico.

sua leitura temporal. Ou seja, a sua forma nua tem uma leitura de passado; para uma leitura de presente precisamos do morfema pré-verbal *ta* (6).

- (6) a. *N lenbra tenpu di nha musindadi.*
 1SG lembrar tempo PREP POSS.1SG mocidade
 ‘Eu lembrei-me do tempo da minha mocidade.’/*‘Eu lembro-me do tempo...’
- b. *N kridita na Nhor Des.*
 1SG acreditar PREP Deus.
 ‘Eu acreditei em Deus.’ / * ‘Eu acredito em Deus.’

É certo que estes verbos podem também ocorrer em culminações³ em certos contextos (ou seja, nestes casos estamos realmente diante de predicados eventivos), mas o mais intrigante é que aquele comportamento se verifica mesmo nas construções em que eles exibem traços semânticos típicos de estativos, como é possível observar nos resultados de determinados testes aspetuais (Pratas, 2010; 2011).

Note-se que os verbos *lenbra* ‘lembrar’ e *kridita* ‘acreditar’ foram analisados em pormenor nesses trabalhos, mas existem outros neste grupo de verbos que entram em construções estativas e que, mesmo aí, mostram um comportamento diferente de *sabe* ‘saber’ e *konxe* ‘conhecer’ quanto às leituras temporais disponíveis. Este é o caso de: *ama* ‘amar’, *gosta* ‘gostar’, *spera* ‘esperar’, *divinha* ‘adivinhar’ / ‘conjeturar’, *ntende* ‘entender’ / ‘compreender’, *pensa ma* ‘pensar que’, *atxa* ‘achar’ (no sentido de ter uma opinião), *txera* ‘cheirar’⁴.

Para maior clareza, as leituras temporais dos diversos predicados em combinação com os diferentes morfemas de marcação temporal estão esquematizadas na tabela seguinte:

³ No presente trabalho, é utilizada a terminologia de classes aspetuais em Moens (1987) – processos, processos culminados e culminações –, e não a de Vendler (1957) – atividades, accomplishments e achievements.

⁴ Um revisor anónimo chama a atenção para o facto de a lista de verbos dever ser alargada a, por exemplo, *mora* ‘morar’. Este verbo está em estudo, uma vez que são necessários mais dados (como o mesmo revisor aponta) para estabelecer uma distinção clara entre os diversos contextos em que pode ocorrer. Para já, sabemos que *mora* ‘morar’ pode ocorrer, no presente, umas vezes com *ta* e outras sem *ta*.

	∅	-ba	ta	ta + -ba	sata	sata+-ba
<i>sta duenti</i> ‘estar doente’ (stage-level)	pres	pst	---	?cond	---	---
<i>e altu</i> ‘ser alto’ (individual-level)	pres	---	---	---	---	---
<i>sabe risposta</i> ‘saber a resposta’	pres	pst	---	?cond	---	---
<i>kridita na Nhor Des</i> ‘acreditar em Deus’ (entre outros estativos)	pst	? pst pft	pres	pst	---	---
todos os eventivos	pst	? pst pft	pres hab	pst hab	prog	pst prog

Tabela 1: leituras temporais dos predicados + morfemas, em frases simples.

Para compreensão da tabela, assinala-se o seguinte: --- significa que a combinação em causa é impossível ou estranha, quando ocorre sem contexto; a combinação de *-ba* com *e* ‘ser’ não existe – para a leitura de passado, existe a forma *era*, como em *Djon era altu* ‘O Djon era alto’; o ponto de interrogação para a combinação de ‘acreditar’, tal como dos outros estativos acima referidos, e ainda de todos os eventivos com *-ba* significa que, se ocorrer numa frase simples (o que não é de todo comum), a sua única interpretação é esta; neste caso, a de mais-que-perfeito; o mesmo se passa com a combinação de *sta* ou de *sabe risposta* com *ta+-ba*; neste caso, a única interpretação possível é a de condicional.

Assim, essa análise antes proposta para o cabo-verdiano assume que as formas nuas dos verbos lexicais (ou seja, excluem-se daqui todas as construções que envolvem verbos de cópula, como as ilustradas em (1)) em orações-matriz estão marcadas por um morfema zero, um operador que resulta numa terminação para os predicados atélicos e na culminação dos predicados télicos.⁵ Para esta análise, o elemento crucial é o facto de *sabe* ‘saber’ e *konxe* ‘conhecer’ poderem entrar em construções que denotam eventos com uma estrutura interna complexa: um subevento do tipo Become (Dowty, 1979) mais um estado consequente (Moens & Steedman, 1988). Para o subevento, uma culminação, temos um significado do tipo ‘[agora] fiquei a saber’ (tempo de referência e tempo da enunciação coincidem). Assumindo que os estados são verdadeiros relativamente a instantes (Vlach, 1981, entre outros), para o estado consequente temos ‘[neste momento] eu sei’. Verificamos, no entanto, que os estados consequentes para outras culminações não são parte de qualquer estrutura complexa do mesmo género.

O objetivo principal do presente artigo é mostrar que os factos acima descritos – as leituras temporais das formas nuas dos diversos verbos, quando participam em construções de diferentes classes aspetuais, bem como as propriedades distintas quanto

⁵ Note-se que, mesmo com predicados cuja estrutura eventiva inclui uma culminação, como é o caso de ‘atravessar a estrada’, essa culminação só está garantida em certos construções. Veja-se o contraste entre, por um lado, ‘O João atravessou a estrada’ ou ‘Todos os dias o João atravessa a estrada’ e, por outro lado, ‘O João estava a atravessar a estrada’. Neste último caso, alguma coisa poderia eventualmente ter impedido o João de acabar de atravessar a estrada.

à estrutura interna dos predicados – são melhor explicados se assumirmos que o morfema zero é, de facto, um Perfeito Nulo. Este será o tópico desenvolvido na secção 2. A secção 3 fará a comparação com uma proposta para a análise de ‘saber’ em coreano (Choi, 2010), em que, crucialmente, o morfema de perfeito *-ess* desempenha um papel relevante. Na secção 4 serão apresentadas algumas considerações finais.

2. O morfema zero como Perfeito Nulo

A interpretação de passado atribuída às formas nuas dos verbos lexicais em cabo-verdiano é melhor explicada se assumirmos que estas entram em construções complexas que envolvem o Perfeito.

A análise de Reichenbach (1947) é a mais antiga de entre aquelas que definem para o Perfeito a noção de um passado indefinido. Ou seja, ele propõe que o Perfeito requer que o tempo do evento preceda o Tempo de Referência. No caso do Presente Perfeito, o Tempo de Referência coincide com o tempo da enunciação.

Seguindo esta linha de análise, em Smith (1991) define-se o Perfeito como uma categoria semântica complexa que envolve certas propriedades temporais e aspetuais. A autora chama a atenção para o facto de que esta categoria semântica não deve ser confundida com o Perfetivo, que se refere a um ponto de vista (aspeto gramatical) fechado (Smith, 1991: 147). Crucialmente, no entanto, as construções com o Perfeito têm um ponto de vista Perfetivo. Elas denotam um estado em vigor no Tempo de Referência⁶ que deve a sua existência à prévia ocorrência de uma situação fechada. Por outras palavras: “[as] frases no Perfeito localizam uma situação num tempo anterior ao Tempo de Referência” (Smith, 1991: 147; tradução minha).

Considerando estas noções, a proposta anterior (Pratas, 2010; 2011) pode ser adaptada da seguinte forma: o morfema zero funciona como um marcador de Perfeito; ou seja, estas construções são marcadas por um Perfeito Nulo.⁷

Esta adaptação aparentemente simples traz consigo resultados muito interessantes. Permite dar conta das diferentes interpretações temporais de uma forma unificada e elegante, que pode ser resumida como se segue: (i) todas as formas nuas dos verbos lexicais em frases simples do cabo-verdiano estão marcadas com um Perfeito Nulo, seja em construções estativas ou não-estativas; (ii) as interpretações temporais distintas relacionam-se com o tipo de Estado Perfeito (expressão traduzida de *Perfect State*, em inglês) localizado no Tempo de Referência. Em certos casos, o Estado Perfeito é o

⁶ Uma vez que as noções sobre o Perfeito aqui utilizadas são, em grande parte, extraídas de Smith (1991), mantivemos a designação Tempo de Referência. Em Kamp & Reyle (1993) viria a ser proposta uma designação diferente para este mesmo conceito: Ponto de Perspetiva Temporal.

⁷ Em van de Vate (2011) é proposto um Perfeito Nulo para dar conta da diferente leitura temporal das formas estativas (presente) e das não-estativas (passado) em saramacano, língua crioula de base lexical portuguesa/inglesa falada no Suriname. A proposta aqui avançada para o cabo-verdiano assenta em diferentes pressupostos (os mesmos que sustentavam o ‘morfema zero’), envolvendo uma estrutura eventiva complexa.

resultado direto da eventualidade passada (Smith, 1991). A proposta que aqui se assume é a de que esta natureza de “resultado direto” faz com que o Estado Perfeito seja parte de uma estrutura eventiva complexa. Nestes contextos, se o Tempo de Referência coincidir com o Tempo da Enunciação temos uma leitura de presente; se o Tempo de Referência preceder o Tempo da Enunciação temos uma leitura de passado. Veja-se este contraste em (7), com exemplos anteriormente mencionados em (2) e em (5a). Assim, em (7a) temos uma sobreposição entre o Tempo de Referência e o Tempo de Enunciação; isto dá origem a uma leitura de presente para o Estado Perfeito. Em (7b), o morfema pós-verbal *-ba* marca a anterioridade do Tempo de Referência face ao Tempo de Enunciação, e temos uma leitura de passado para o Estado Perfeito:

- (7) a. *N* \emptyset *sabe resposta.*
 1SG PFT saber resposta
 ‘Eu sei a resposta.’
 b. *N* \emptyset *sabeba resposta.*
 1SG PFT saber:PST resposta
 ‘Eu sabia a resposta.’

Por outro lado, nos casos em que o Estado Perfeito é um estado abstrato resultante da ocorrência do evento passado (Parsons 1990, ter Meulen 1995), não há lugar à ocorrência da referida estrutura eventiva complexa. Vejamos em (8), de uma forma que se pretende mais clara, a ilustração desta diferença entre as duas situações:

- (8) a. *Gosi, N* \emptyset *sabe resposta.*
 agora 1SG PFT saber resposta
 Significado literal em cabo-verdiano: ‘Agora, eu sei a resposta.’
 Tradução que inclui o Estado Perfeito: ‘Agora, eu tenho a resposta sabida.’⁸
 b. *Gosi, N* \emptyset *kume peixe.*⁹
 agora 1SG PFT comer peixe
 Significado literal em cabo-verdiano: ‘Agora, comi o peixe.’
 Tradução que inclui o Estado Perfeito: ‘Agora, eu tenho o peixe comido.’

⁸ Este tipo de contextos também ocorre com *konxe* ‘conhecer’:

- (i) *Gosi, N* \emptyset *konxe Lisboa.*
 agora 1SG PFT conhecer Lisboa
 Significado literal em cabo-verdiano: ‘Agora, eu conheço Lisboa.’

Tradução que inclui o Estado Perfeito: ‘Agora, Lisboa é minha conhecida.’

⁹ Em português, o Pretérito Perfeito Composto, formado pelo presente de ‘ter’ + participio passado, tem outro significado (ver, entre outros, Oliveira, Silva & Leal, 2011, sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu, e Cabredo Hofherr, Laca & Carvalho, 2010, sobre a pluralidade associada ao PRES-PERF numa variedade do Português Brasileiro).

(i) Eu tenho comido peixe.

Um dado empírico fundamental em (8) é que ambas as frases são gramaticais com *gosi* ‘agora’, o que chama a atenção para um facto extremamente relevante: não podemos considerar que se trata aqui de um simples aspeto perfetivo; o aspeto perfetivo não pode ser combinado com advérbios do tipo de ‘agora’.¹⁰

Neste momento dispomos já de toda a informação para dar conta de contextos marcados pelo morfema de passado *-ba*.

- (9) a. *N* \emptyset *sabeba* *risposta*.
 1SG PFT saber:PST resposta
 Significado literal em cabo-verdiano: ‘Eu sabia a resposta.’
 Tradução que inclui o Estado Perfeito: ‘Eu tinha a resposta sabida.’
- b. *N* \emptyset *kumeba* *pexe*.
 1SG PFT comer:PST peixe
 Significado literal em cabo-verdiano: ‘Eu tinha comido o peixe.’
 Tradução que inclui o Estado Perfeito: ‘Eu tinha o peixe comido.’

Note-se que em (9b) temos claramente um significado de mais-que-perfeito, como podemos verificar numa frase com um contexto adequado em (10). O Tempo de Referência é anterior ao Tempo da Enunciação.

- (10) *Di noti N fika mariadu. N kumeba txeu pexe na djanta*.
 de noite 1SG ficar enjoado. 1SG comer:PST muito peixe PREP jantar
 ‘De noite fiquei enjoado. Tinha comido muito peixe ao jantar.’

Finalmente, o aspeto perfetivo envolvido nas construções com o Perfeito (Smith 1991: 148-149) dá conta de outros efeitos previamente mencionados a propósito do operador nulo. Em Pratas (2010; 2011) foi proposto que o morfema zero impõe uma terminação aos predicados atélicos e a culminação aos predicados télicos. Com a proposta de um Perfeito Nulo, temos a noção da ocorrência prévia de uma situação fechada – é isto que significa o ponto de vista perfetivo. Ou seja, é uma forma mais elegante de exprimir a mesma ideia, pela vantagem adicional de não termos o fardo de explicar como é que se impõe uma culminação a um predicado télico, tendo em conta que aquela já faz parte da definição deste.

Nesta secção, foi discutida a estrutura complexa de predicados do tipo de *N sabe risposta* ‘eu sei a resposta’, em cabo-verdiano, e avançada a proposta de que a sua leitura temporal é melhor explicada se assumirmos que o morfema zero (Pratas 2010;

¹⁰ Existem divergências entre as línguas quanto à interação entre o Perfeito e advérbios de tempo. Para uma revisão recente desta discussão acerca do Perfeito do inglês, indico ao leitor interessado Portner (2011).

2011) é um Perfeito Nulo. Esta proposta oferece também uma análise uniforme para a leitura de passado das formas nuas dos eventivos, sejam télicos ou atélicos.¹¹

Na próxima secção, irei referir outra língua na qual existem especificidades quanto à combinação do verbo ‘saber’ com o Perfeito. Trata-se do coreano, analisado em Choi (2010). Este estudo sobre o coreano já era referido em Pratas (2011), para mostrar que as idiossincrasias de *sabe* ‘saber’ em cabo-verdiano não são inesperadas, mas é de novo trazido à discussão com o objetivo de apontar as diferentes consequências da análise daquela autora em comparação com a presente proposta.

3. O que há de especial em ‘saber’

Num trabalho sobre os tipos de estados disponíveis em coreano, Choi (2010) mostra que o marcador de perfeito nesta língua, *-ess*, quando combinado com um verbo “emotivo” como ‘amar’, *salangha*, tem uma leitura de passado (11), mas quando combinado com o verbo “mental” ‘saber’, *al*, tem uma leitura de presente (12) (os dados do coreano que se seguem são de Choi, 2010).

(11) *Juno-nun Yuna-lul olaecene/*cikum salangha-ss-ta.*
 Juno-TOP Yuna-ACC há muito tempo/agora amar-PFT-DEC
 ‘O Juno amou a Yuna há muito tempo/*agora.’

(12) *Minho-nun ku sasil-ul olaecene/cikum al-ass-ta.*
 Minho-TOP o facto-ACC há muito tempo / agora saber-PFT-DEC
 ‘O Minho soube/sabe do facto há muito tempo/agora.’

A generalização relevante parece assim ser a seguinte: predicados atélicos + *-ess* = passado existencial; predicados télicos + *-ess* = estado resultante.

Esta observação sugere que ‘saber’ tem aqui uma interpretação télica, ideia que é reforçada pelo facto de ‘amar’ + *-ess* ser compatível com expressões do tipo ‘durante X tempo’ e incompatível com as do tipo ‘em X tempo’, enquanto para ‘saber’ + *-ess* se verifica o oposto: é compatível com expressões do tipo ‘em X tempo’ e incompatível com as do tipo ‘durante X tempo’.

No entanto, o teste com ‘desde (há) X tempo’ mostra que ‘saber’ + *-ess* é na verdade um predicado atélico, pois as frases obtidas são gramaticais:

¹¹ Evidência adicional para uma análise com base no Perfeito vem de orações encaixadas em verbos modais. Nestes casos, as formas nuas dos eventivos têm também uma interpretação de passado. Em Pratas & van de Vate (em preparação), temos exemplos como o seguinte, que apenas podem ser explicados se o verbo abaixo do modal epistémico for marcado pelo Perfeito Nulo (e veja-se a tradução em português):

(i) *Djon debe trabadja.* ‘O Djon deve ter trabalhado.’

- (13) *Juno-nun ku pati-ihu ku sasil-ul al-ass-ta.*
 Juno-TOP a festa-desde o facto-ACC saber-PFT-DEC
 ‘O Juno sabe isso desde a festa.’

Choi (2010) defende que ‘conhecer o facto’ (tal como estados do tipo de ‘ser velho’)¹² é um estado incoativo: é compatível com adverbiais do tipo ‘desde X tempo’ porque denota o início de um estado e é compatível com adverbiais do tipo ‘em X tempo’ porque descreve o momento da transição.

Em cabo-verdiano, *sabe* ‘saber’ + Perfeito (tal como *konxe* ‘conhecer’ + Perfeito) também é compatível com qualquer destas expressões adverbiais. A presente proposta, no entanto, prevê uma descrição diferente para os factos. Observe-se os exemplos, com *sabe* ‘conhecer’:

- (14) *E Ø sabe risposta na tres minutu.*
 3SG PFT saber resposta PREP três minuto
 ‘Ele soube a resposta em três minutos.’

- (15) *E Ø sabe risposta desdi simana pasadu.*
 3SG PFT saber resposta PREP semana passada
 ‘Ele sabe a resposta desde a semana passada.’

O que aqui se propõe é que, em (14), a expressão ‘em X tempo’ tem a mesma função que advérbios do tipo de ‘ontem’: cancelam a âncora temporal no Estado Perfeito e, assim, temos uma leitura de passado, tal como com *e kume pexe* ‘ele comeu o peixe’. Por outras palavras, nada distingue esta ocorrência de outros predicados télicos marcados pelo Perfeito Nulo. Assim, a noção de estado incoativo não é aqui relevante.

Em (15), a expressão ‘desde X tempo’ reforça a âncora temporal no Estado Perfeito, “um estado devido à ocorrência da situação mencionada” (Smith 1991:148). Sabemos que a situação anterior relevante ocorreu na semana passada, mas a interpretação temporal da frase é presente. Se esta proposta estiver no caminho certo, não precisamos da noção independente do início do estado de saber. Esta noção é inerente às propriedades deste tipo particular de Estado Perfeito.

Nesta secção foi discutida a análise do verbo ‘saber’ em coreano, tal como foi apresentada em Choi (2010) e já referida em Pratas (2011). No presente artigo, esta referência teve a intenção de mostrar que as restrições e propriedades quanto a este verbo já foram registadas para outras línguas. O caso específico do coreano é muito

¹² Eu não incluo estes predicados nesta discussão sobre o cabo-verdiano, uma vez que ‘ser velho’ e ‘ficar velho’ têm expressões diferentes nesta língua, tal como em português: em cabo-verdiano podemos ter os estados *stage-level*, *sta bedju* ‘estar velho’ ou *individual-level*, *e bedju* ‘ser velho’; nenhum destes é incoativo; por outro lado, temos outro tipo de predicados, como *fika bedju* ou *bira bedju*, que parecem ambos, estes sim, estados incoativos (Smith, 1991:44), do género de ‘ficar zangado’, ‘ficar cansado’.

interessante, uma vez que também envolve a interação de ‘saber’ com o perfeito (que nesta língua é marcado pelo morfema *-ess*) e diferentes interpretações temporais. Existe, no entanto, uma diferença crucial entre a análise daquela autora e a proposta neste artigo: a análise do Perfeito dá conta, aqui, de diferentes tipos de situações, atribuindo as distintas interpretações temporais à natureza dos Estados Perfeitos. Adicionalmente, dispensa a noção independente de um início/transição para o estado de ‘saber’.

4. Notas finais

A estatividade, como propriedade lexical de alguns predicados, não dá conta do contraste seguinte em cabo-verdiano: *N sabe risposta* ‘Eu sei a resposta’ (presente) vs. *N kume pexe* ‘Eu comi (o) peixe’ (passado). De facto, alguns predicados que mostram propriedades semânticas típicas de situações estativas (pela forma como reagem a determinados operadores aspetuais – Pratas, 2011) exibem um comportamento do tipo dos eventivos no que respeita às possíveis combinações com os diferentes morfemas e à interpretação temporal obtida. É o caso, por exemplo, de *N kridita na Nhor Des* ‘Eu acreditei em Deus’ (passado).

A presente proposta dá conta deste puzzle da seguinte forma: todas as formas nuas de verbos lexicais em frases simples são marcadas por um Perfeito Nulo. As frases no Perfeito denotam um estado localizado no Tempo de Referência que é devido à ocorrência anterior de uma situação fechada (Smith 1991: 147). Ou seja, estas frases têm um aspeto perfetivo. Eu proponho que apenas para *N sabe risposta* ‘Eu sei a resposta’ pode um Estado Perfeito ser o resultado direto dessa eventualidade (Smith, 1991). Esta natureza de “resultado direto” faz com que este Estado Perfeito seja parte da estrutura complexo deste evento. Quando o Estado Perfeito é apenas um estado abstrato que se deve ao facto de o evento ter ocorrido (Parsons 1990, ter Meulen 1995), não há lugar a este tipo de estrutura interna. Este é o caso de formas nuas de verbos como *kume* ‘comer’, eventivo, mas também *lenbra* ‘lembrar’ e *kridita* ‘acreditar’, nas suas ocorrências de tipo estativo.

Esta proposta com base no Perfeito traz alguns benefícios teóricos interessantes. Em primeiro lugar, dá conta das leituras temporais de todos os predicados que envolvem formas nuas de verbos lexicais. Para além disso, dispensa a noção independente de um início/transição para o estado de ‘saber’. Esta noção é inerente às propriedades deste tipo particular de Estado Perfeito.

Referências

- Baptista, Marlyse (2002) *The Syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Borik, Olga & Fernanda Pratas (2008) Stativity and Temporal Interpretation in CV. FACS, Tromsø, Novembro.

- Choi, Jiyoung (2010) The puzzle of stative predicates in Korean. Paper presented at the 7th Workshop on Syntax and Semantics (WoSS7), Université de Nantes, October.
- Dowty, David R (1979) *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Laca, Brenda, Patricia Cabredo-Hofherr & Sandra de Carvalho (2010) When ‘perfect’ means ‘plural’. Ms. Université Paris 8.
- ter Meulen, Alice (1995) *Representing Time in Natural Language: The Dynamic Interpretation of Tense and Aspect*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Moens, Marc (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Ph.D. dissertation, Edinburgh University.
- Moens, Marc & Mark Steedman (1988) Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics* 14, pp. 15-28.
- Montague, Richard (1973) The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English. In R. H. Thomason (ed.), *Formal Philosophy, Selected Papers of Richard Montague*. New Haven: Yale University Press.
- Oliveira, Fátima, Fátima Silva e António Leal (2011) Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu. Poster apresentado no XVII Encontro da APL.
- Parsons, Terence (1990) *Events in the Semantics of English: A Study of Subatomic Semantics*. Cambridge, Mass: MIT Press
- Portner, Paul (2011) Perfect and progressive. In Claudia Maienborn, Klaus von Heusinger & Paul Portner (eds) *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Pratas, Fernanda (2007) Tense features and argument structure in Capeverdean predicates. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Pratas, Fernanda (2010) States and Temporal Interpretation in Capeverdean. In Reineke Bok-Bennema, Brigitte Kampers-Manhe & Bart Hollebrandse (eds) *Romance Languages and Linguistic Theory 2008 - Selected papers from Going Romance Groningen 2008*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 215-231.
- Pratas, Fernanda (2011) ‘Acreditar’ não é ‘saber’: mais sobre estativos em caboverdiano. In Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (eds) *Textos Seleccionados do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 521-533.
- Pratas, Fernanda & Marleen van de Vate. to appear. Tense and modality in two Creoles: Capeverdean and Saamáka. Proceedings of the 38th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society (2012).
- Reichenbach, Hans (1947) *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan.

- Silva, Izione S. (1985) *Variation and Change in the Verbal System of Capeverdean Crioulo*. Ph.D. dissertation, Georgetown University.
- Smith, Carlota (1991) *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer.
- Suzuki, Miki (1994) The markers in Cape Verdean CP. Ms, CUNY.
- Taylor, Barry (1977) Tense and continuity. *Linguistics and Philosophy* 1.2: 199–220.
- van de Vate, Marleen (2011) *Tense, Aspect and Modality in a radical creole: The case of Saamáka*. Ph.D. dissertation, University of Tromsø.
- Vendler, Zeno (1957) Verbs and times. *The Philosophical Review* 66:2, pp. 143-160.
- Vlach, Frank (1981) The Semantics of the Progressive. In P. Tedeschi & A. Zaenen (orgs) *Syntax and Semantics 15: Tense and Aspect*. New York: Academic Press, pp. 271-292.